

Editorial

O valor da experiência e das práticas sociais no Sesc-RS

O Brasil se encontra no limiar de uma profunda transformação demográfica, com o número de pessoas idosas crescendo exponencialmente em relação às demais faixas etárias. Essa realidade é ainda mais acentuada no Rio Grande do Sul, onde 20,2% da população tem 60 anos ou mais, superando a média nacional de 15,6%, conforme dados do Censo do IBGE de 2022. Dentro desse cenário, emerge a crucialidade de se olhar para as múltiplas velhices, reconhecendo a diversidade de condições e desafios que permeiam cada período etário da velhice, do início dela à velhice extrema. São vidas influenciadas por determinantes sociais, econômicos e políticos, clamando por iniciativas que vão além da mera socialização.

Nesse contexto, o Programa Sesc Maturidade Ativa (PSMA) no Rio Grande do Sul se propõe a ser referência e inspiração no trabalho social com pessoas idosas. Há 20 anos, o PSMA vem promovendo a transformação dos sujeitos e de seus territórios, atuando na melhoria da qualidade de vida por meio de ações integradas nas áreas da saúde, educação, cultura, lazer e engajamento social.

Mais do que um espaço de convivência, o Sesc compreende que o trabalho social com pessoas idosas contribui para uma longevidade mais plena, ativa e feliz. Em 2024, o PSMA beneficiou expressivas 7.895 pessoas idosas em 55 municípios, realizando mais de 10 mil ações educativas, desde oficinas e palestras até campanhas e ações de voluntariado. Tais práticas reforçam a ampliação de redes de relacionamento, o estímulo à aprendizagem contínua, oportunidades de socialização, acesso ao lazer e cultura, e maior participação comunitária.

No entanto, o sucesso do PSMA e de iniciativas similares não reside apenas na execução das atividades, mas, primordialmente, no desejo de ver suas práticas sistematizadas, assim como ter uma reflexão contínua das experiências dos profissionais que atuam diretamente com essa população. É fundamental que a expertise acumulada pelos facilitadores de grupos e pelas equipes gestoras seja registrada, analisada e compartilhada. A utilização de instrumentos como o procedimento regional, as reuniões sistemáticas mensais e os encontros técnicos presenciais são passos importantes. Contudo, é aprofundar essa sistematização que permitirá um salto qualitativo.

A sistematização de experiências não é um mero registro burocrático; é um processo ativo de **produção de novo conhecimento**. Ela permite identificar padrões, reconhecer as demandas emergentes das diferentes velhices – que não conformam um grupo homogêneo –, e analisar o impacto real das intervenções. Por exemplo, ao observar que o perfil dos participantes é predominantemente feminino, refletindo um cenário já conhecido, a sistematização pode gerar insights sobre como atrair e engajar a população masculina idosa, ou como desenvolver programas mais específicos para as demandas femininas na velhice.

Refletir sobre as práticas sociais à luz das novas realidades é o que garante a **renovação constante** e a capacidade de **atender à diversidade de demandas das velhices plurais**. O rápido envelhecimento populacional, aliado à persistência das desigualdades sociais, impõe o desafio de superar modelos padronizados. É preciso dialogar com as "diferentes velhices", incluindo grupos de minorias étnico-raciais, LGBTQIA+ e pessoas em situação de vulnerabilidade, muitas vezes invisibilizadas.

A busca pela sistematização e a reflexão permitem que o PSMA, pautado pelo Estatuto da Pessoa Idosa e nas diretrizes do Envelhecimento Ativo, continue aprimorando suas estratégias para promover a autonomia dos sujeitos, desenvolvendo ações que sejam pensadas e realizadas "com" e não "para" as pessoas idosas.

A alta adesão e o impacto positivo percebido pelos participantes ao longo de 20 anos não são apenas resultados de boas intenções, mas também da gestão, da organização e da capacidade de aprendizado que uma prática social pode oferecer. Mas para fazer frente aos novos tempos, é essencial superar modelos antigos e posicionar a pessoa idosa na centralidade do processo de envelhecer.

Para isso é necessário refletir continuamente as práticas. É o que os trabalhos que compõem este número especial da Revista Longevidade mostram. Eles foram elaborados por diversos profissionais que atuam no Programa Maturidade Ativa. Ou seja, esta edição é uma prova viva do avanço na sistematização das práticas sociais, alicerçado por um **investimento estratégico da entidade na qualificação de todos os profissionais** que atuam com pessoas idosas.¹

Reconhecendo a complexidade e a diversidade das velhices, o Sesc compreendeu que a excelência no trabalho social exigiria **formação contínua e aprofundada**. Essa estratégia não só tende a elevar o padrão das intervenções como também posicionar a equipe para enfrentar os desafios de um Brasil em rápido envelhecimento, promovendo uma longevidade verdadeiramente ativa, inclusiva e transformadora.

¹ Falamos mais especificamente do curso online ao vivo intitulado "O envelhecimento na perspectiva da Gerontologia Social", ministrado pelo Espaço Longevidade/Portal do Envelhecimento, no segundo semestre de 2024. O curso representou uma pausa na rotina dos mesmos, um tempo para aquisição e troca de conhecimentos, mas também um tempo para refletir sobre suas práticas.

Ao investir na qualificação de seus profissionais através de diretrizes claras, reuniões sistemáticas, encontros técnicos presenciais, e cursos, a entidade cria um ambiente propício para que a sistematização das práticas seja possível. Isso demonstra que, com investimento, estrutura e uma cultura que valoriza a reflexão sobre a prática, é possível superar as barreiras existentes e capacitar os profissionais a sistematizarem suas valiosas experiências.

Autores como Paulo Freire² e Oscar Jara Holliday³ são referências incontornáveis quando se fala em sistematização de experiências. Para Freire, a práxis – a união entre ação e reflexão – é central para a transformação. A sistematização se encaixa perfeitamente nesse conceito, pois permite que os profissionais que atuam, por exemplo, com pessoas idosas no Sesc-RS, não apenas realizem as atividades (ação), mas parem para analisar criticamente o que foi feito, como foi feito e quais foram os resultados (reflexão).

Essa reflexão qualificada é o que permite ir além do "fazer por fazer", construindo um saber que retroalimenta a prática. Freire argumentaria que, ao sistematizar, os educadores e facilitadores se tornam "sujeitos do conhecimento" de suas próprias experiências, e não meros aplicadores de técnicas.

Oscar Jara Holliday, por sua vez, é um dos maiores teóricos da sistematização de experiências na América Latina. Ele define a sistematização como "aquela interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de sua ordenação e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que nele intervieram, como se relacionaram entre si e por que o fizeram de tal modo" (Jara, 1994).

No contexto do PSMA, isso significaria ir além de registrar o número de oficinas ou palestras realizadas. Seria, por exemplo, analisar por que certas oficinas tiveram mais adesão, quais metodologias foram mais eficazes para diferentes faixas etárias de idosos (60-74 anos, 75-89 anos, 90+ anos), ou como as ações de voluntariado geraram maior engajamento comunitário.

A partir da perspectiva desses autores, a sistematização das práticas sociais com pessoas idosas se torna crucial por várias razões, entre elas destacamos:

1) Produção de conhecimento contextualizado: Permite gerar conhecimento a partir da realidade vivida, o que é fundamental para o trabalho com a população idosa, que não é homogênea e possui múltiplas velhices. Esse conhecimento é mais relevante do que teorias genéricas, pois emerge diretamente dos desafios e sucessos locais. Por exemplo, a equipe do Sesc-RS pode, ao sistematizar, identificar quais abordagens são mais eficazes para promover o envelhecimento ativo ou a participação democrática no contexto gaúcho, considerando as particularidades demográficas, culturais e sociais do estado.

² Ver Freire, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

³ Ver Jara, O. H. *Para sistematizar experiencias. Una propuesta teorico-práctica*. San José, Costa Rica: Centro de Estudios y Publicaciones Alforja, 1994.

2) Qualificação e inovação das práticas: Ao entender "por que" e "como" as coisas acontecem, os profissionais podem refinar suas metodologias, corrigir rotas e inovar. Se o PSMA percebe que campanhas de prevenção de quedas têm maior impacto quando envolvem intergeracionalidade, a sistematização valida essa percepção e oferece subsídios para futuras ações. Da mesma forma, a identificação do perfil majoritário feminino nos grupos pode levar à criação de estratégias específicas para atrair outros perfis.

3) Fortalecimento da instituição e legitimidade: Uma instituição que sistematiza suas práticas demonstra rigor, compromisso com a aprendizagem e transparência. Isso fortalece o Programa Sesc Maturidade Ativa como referência no trabalho social com idosos e legitima sua atuação perante parceiros, comunidades e órgãos públicos. Ao documentar e analisar o "legado que abre portas para o presente e o futuro", o Sesc pode evidenciar sua contribuição para o fortalecimento de políticas públicas e instâncias participativas.

4) Troca de experiências e disseminação: A sistematização facilita a comunicação e a replicação de boas práticas. O conhecimento gerado no Rio Grande do Sul pode ser compartilhado com outras unidades do Sesc no Brasil ou com outras instituições que trabalham com pessoas idosas, ampliando o impacto positivo em nível nacional.

5) Fundamentação para políticas públicas: O conhecimento sistematizado se torna um insumo valioso para influenciar e aprimorar políticas públicas voltadas ao envelhecimento. Ao apresentar dados e análises sobre o impacto das ações do PSMA, o Sesc contribui para que as políticas públicas sejam mais alinhadas às reais necessidades e potencialidades da população idosa, reforçando a importância do envelhecimento ativo, protagonismo social e relações intergeracionais.

Em suma, a sistematização, à luz de teóricos como Freire e Jara, transforma a experiência empírica em um saber estruturado e aplicável. É ela que permite que o trabalho social com pessoas idosas se eleve à condição de um campo de conhecimento dinâmico, capaz de "renovar as práticas sociais a fim de atender a diversidade de demandas das velhices plurais". É um investimento na inteligência da ação, fundamental para construir um futuro mais justo e acolhedor para as gerações que envelhecem.

Infelizmente, no país, diversos fatores contribuem para que os profissionais, em diversas áreas, não aprendam ou não consigam sistematizar suas práticas de forma consistente. Embora esta edição da Revista Longeviver se concentre nas práticas sociais com pessoas idosas do Sesc-RS, podemos inferir, por contraste e conhecimento do cenário geral brasileiro, algumas razões para essa lacuna: 1) Formação acadêmica insuficiente (foco teórico vs. prático-reflexivo e ausência de disciplinas específicas); 2) Cultura institucional e do trabalho (pressão por resultados imediatos; falta de valorização do conhecimento produzido na base; ausência de incentivos e ferramentas; rotatividade profissional); 3) Dificuldade de desmistificação da sistematização (percepção de complexidade; falta de consciência sobre o potencial) e 4) recursos e políticas públicas limitadas (a falta

de financiamento e de políticas limita a capacidade das instituições de investir na qualificação necessária e na implementação desses processos).

O caso do Sesc-RS, conforme os textos apresentados nesta edição, mostra um caminho oposto e bem-sucedido. Ao investir na qualificação de seus profissionais através de diretrizes claras, reuniões sistemáticas, encontros técnicos presenciais, e cursos, a entidade cria um ambiente propício para o exercício da sistematização das práticas.

Nesse sentido, a leitura desta edição especial, apesar de apresentar lacunas no processo metodológico da sistematização em si, indica que o PSMA, ao contribuir para o fortalecimento das políticas públicas e instâncias participativas como os conselhos da pessoa idosa, já demonstra que, com investimento, estrutura e uma cultura que valorize a reflexão sobre a prática, é possível superar as barreiras existentes e capacitar os profissionais a sistematizarem suas experiências.

A revista Longeviver reconhece e celebra este exercício dos trabalhadores do Sesc-RS. E aproveitamos para convidar todos os profissionais, gestores e pesquisadores a abraçar a sistematização e a reflexão como ferramentas indispensáveis. Somente assim garantiremos que as práticas sociais com pessoas idosas evoluam continuamente, respondendo às complexas e diversas necessidades da crescente população longeva, promovendo um futuro mais justo e acolhedor para todas as velhices.

Boa leitura!

Beltrina Côrte e Celina Dias Azevedo

Editoras